

DISCUSSÃO CRÍTICA SOBRE OS DISCURSOS DE ÓDIO NA ESCOLA: CAMINHOS PARA UMA FORMAÇÃO DOCENTE

GT 10: ENSINO, CURRÍCULO E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Trabalho completo

Gustavo Santos de MACEDO (Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem/UFMT)

gustavo.macedo@sou.ufmt.br

Resumo

Neste trabalho, problematizamos o papel de professores no combate aos discursos de ódio na escola, entendendo o discurso de ódio enquanto o desdobramento da violência, que se manifesta pela e na linguagem. Dessa forma, mobilizamos o aporte teórico metodológico da Análise do Discurso Crítica (ADC) na perspectiva dialético-relacional de Fairclough (2016), a partir da categoria analítica da interdiscursividade, para subsidiar a análise de uma notícia publicada em meio virtual. A análise, contribui para uma compreensão sistemática dos discursos de ódio na escola, considerando a necessidade de uma atuação educacional contextualizada e localizada, reconhecendo as fragilidades da formação docente.

Palavras-chave: Discursos de ódio. Análise do Discurso Crítica. Formação docente.

1 Introdução¹

A escola é um espaço com forte conexão com os fenômenos sociais, talvez porque a entendemos como uma espécie de miniatura da sociedade e, nesse sentido, estudar o fenômeno da violência, que se materializa na e pela linguagem, permite compreender suas práticas sociais e construir uma agenda de combate ao discurso de ódio na escola. Primeiro, porque entendemos a língua como um processo de realização prática inseparável de seu conteúdo ideológico ou cotidiano (Volóchinov, 2018, p. 181). E em segundo lugar, porque a linguagem é assumida, neste estudo, enquanto prática social e que estabelece relação interna e de mão dupla com a sociedade (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 62).

No livro “Em defesa da escola: uma questão pública”, Masschelein e Simons (2021) ponderam a respeito da escola ser acusada de estar distante do mundo e, por isso, não conseguir lidar com questões importantes para a sociedade. Mas, na verdade, os autores, ao darem ênfase a algumas das características e do funcionamento da escola, a definem enquanto um espaço de suspensão: um espaço que interrompe, temporariamente, o tempo e remove as expectativas

¹ Este trabalho recupera parte do aporte teórico desenvolvido em minha dissertação de mestrado, intitulada “Uma análise discursiva da violência hater no ensino remoto representada por professores(as) de Língua Portuguesa do Mato Grosso, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), publicada em 2023 e disponível em <https://abre.ai/lds6>.

construídas socialmente, porque cede lugar a um ambiente igualitário que possibilita diversos tipos de encaminhamentos e direções. Para os autores, o espaço escolar é aberto e não fixo. A escola é um meio sem um fim e um veículo sem um destino determinado. (Masschelein; Simons, 2021, p. 35-7).

Essa perspectiva assinala as possibilidades que a escola oferece, sem limitá-la e, conseqüentemente, sem limitar os sujeitos que dela participam. E isso não quer dizer estar fora da sociedade, pois o que é tratado na escola está enraizado no social, “no cotidiano, mas transformado pelos atos simples e profundos de suspensão (temporária) e profanação” (Masschelein; Simons, 2021, p. 40). Estar na escola consiste em ter algo a ser feito, a ser construído, ter um objeto de estudo e, através disso, focaliza a nossa atenção em algo e permite que a prática e o estudo sejam possibilitados. A escola é um espaço ativo e democrático – ou deve ser.

É nesse contexto que a escola se mostra como a “materialização e espacialização concreta do tempo que, literalmente, separa ou retira os alunos para fora da (desigual) ordem social e econômica [...] e para dentro do luxo de um tempo igualitário” (Masschelein; Simons, 2021, p. 29). Por isso, a discussão sobre o discurso de ódio no espaço escolar é tão necessária, porque ela assegura a problematização de um conceito e possibilita uma mudança. E, nesse sentido, reconhecer os efeitos de uma mudança social e discursiva que envolva a “transgressão [e] o cruzamento de fronteiras” mantém firme um lugar de “lutas estruturais nos níveis institucional e societário” (Fairclough, 2016, p. 133) tão importante na construção de um novo social.

Nessa perspectiva, partimos de uma notícia publicada no site da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (doravante CNTE), em 25 de janeiro de 2024, intitulada “Trabalho de educadores é um dos principais aliados no combate a discursos de ódio, aponta a Unesco”, mobilizando o aporte teórico metodológico da Análise do Discurso Crítica (ADC) na perspectiva dialético-relacional de Fairclough, para problematizar o papel de professores no combate aos discursos de ódio na escola. Para isso, discorreremos sobre as bases teóricas da ADC e a lentes para análise do texto; em seguida, analisamos a notícia a partir da categoria analítica da interdiscursividade; e, por fim, apresentamos nossas considerações sob o objeto de pesquisa em foco.

2 Um percurso teórico metodológico

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma teoria enunciativa que incorporou as percepções de Michel Foucault sobre a natureza social do discurso e a natureza discursiva do

poder e as concepções de Bakhtin voltadas para o estudo das dimensões discursivas da mudança social e cultural, para operacionalizar uma Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) que, na perspectiva de Fairclough (2016, p. 91) “reforçará a análise social, essencialmente por assegurar atenção a exemplos concretos de prática e a formas textuais e a processos de interpretação associados a elas”. Para o autor, a ADTO está preocupada com qualquer tipo de discurso a partir da análise de textos falados e/ou escritos (Fairclough, 2016, p. 64). No entanto, a ADC foi se construindo e se reconfigurando conforme essa discussão atingia novas dimensões. Suas influências a constituíram como uma teoria e um método de estudo da linguagem em uso.

A partir dos anos 90, a ADC se consolidou como uma rede internacional de estudos e, apesar de diferentes abordagens, seus autores compreendem que há uma relação dialética entre linguagem e sociedade. Na perspectiva de Fairclough (2016), temos uma ADC amparada, principalmente, na Teoria Social Crítica (TSC), seu principal expoente é Baskhar, e na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday, o que sustenta a análise de discursos que surgem na e pela sociedade. É a partir dessas teorias que o autor constrói um modelo que trabalha sob três dimensões possíveis, definidas como concepção tridimensional do discurso: a prática social, o texto e a prática discursiva.

Nesse sentido, o discurso é concebido como:

“o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais [...], é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo de significados” (Fairclough, 2016, p. 94-95).

Dessa maneira, o método utilizado por Fairclough (2016) para se analisar o discurso na ADC é a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO). Nessa ótica, o discurso na ADC é examinado a partir do texto, sua unidade mínima. Ao fazer isso, sempre colocamos sob análise questões de forma e de significado dos textos, porque os signos linguísticos “são socialmente motivados, isto é, [...] há razões sociais para combinar significantes particulares a significados particulares” (Fairclough, 2016, p. 107). Ou seja, se há uma motivação na produção de significados nos textos, isso revela que há uma prática discursiva que contribui para reproduzir ou transformar a sociedade. É importante destacar que esse movimento é dialético, ou seja, o resultado da prática discursiva depende de como ela interage com a realidade pré-constituída, ou prática social. A prática discursiva é uma forma particular da prática social e uma não se contrapõe a outra, por ser, essa última, uma dimensão do evento discursivo.

Na ADTO propõe-se estabelecer conexões para investigar os modos de organização e interpretação dos textos, como são produzidos, distribuídos e consumidos em relação as estruturas da sociedade e aos embates que lhe são característicos.

É nesse sentido que a concepção tridimensional do discurso, proposta por Fairclough (2016), ao mobilizar os três conceitos analíticos (texto, prática discursiva e prática social) defende que tal abordagem é indispensável para análise de qualquer tipo de discurso (discurso político, discurso da sala de aula, discurso da mídia etc.),

Assim, para compreendermos o discurso a partir de sua concepção tridimensional, utilizaremos a categoria analítica da interdiscursividade que funcionará como lentes para direcionar o nosso olhar ao objetivo da investigação. De acordo com Resende e Ramalho (2006, p. 72), a interdiscursividade emerge a partir da articulação de diferentes discursos em um mesmo texto, muito comum principalmente em um mundo globalizado. Há, assim, uma relação de poder que torna um discurso muito mais predominante que outro, ou que se sobrepõe a outro.

Dessa forma, as maneiras de observarmos a interdiscursividade presente nos textos, considerando os traços linguísticos, é a partir do vocabulário, pois diferentes discursos utilizam palavras específicas para representar e descrever o mundo. Isso significa que cada tipo de discurso (político, acadêmico, midiático, etc.) escolhe palavras e expressões que refletem sua própria visão de mundo, moldando a maneira como os assuntos são apresentados e compreendidos.

Em outras palavras, o vocabulário que um discurso emprega revela como ele enxerga e organiza a realidade. Sob essa ótica, o discurso é visto como forma de representação, não apenas do mundo perceptível, mas na projeção de diferentes possibilidades de mudança de nossa própria realidade, ou seja, esse significado “relaciona-se com projetos de mudança do mundo de acordo com as perspectivas particulares” (Resende; Ramalho, 2006, p. 71).

3 Uma análise discursiva crítica

Por ser a linguagem a estrutura que estabelece distintas formas de relações e pela qual se materializa a violência, entendemos os discursos de ódio como “uma conduta e não uma mera opinião” e o “efeito dessa conduta é intimidatório” e “faz parte de um sistema de dominação social por influenciar muitos aspectos da vida dos indivíduos” (Valente, 2020, p. 84-5). Nesse sentido, há a necessidade de categorizar a expressão a fim de não tornar a discussão sobre o tema abstrata, apartada “das nossas relações concretas de desigualdades e sofrimento” (Valente, 2020, p. 86). E, nesse viés, entendemos o discurso de ódio enquanto prática social e, por

consequência, socialmente constitutivo por ser um “modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” estabelecido pela/na linguagem (Fairclough, 2016, p. 94-95).

Na notícia publicada no site da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, “Trabalho de educadores é um dos principais aliados no combate a discursos de ódio, aponta a Unesco” (CNTE, 2024), é destacado o papel crucial dos educadores no combate ao discurso de ódio na sociedade a partir da atuação docente. A notícia apresenta um cenário de urgência, onde os discursos de ódio estão crescendo devido a conflitos internacionais, enquanto os educadores são posicionados como os principais agentes de mudança. Essa construção atribui um papel moral e funcional à educação.

Fairclough (2016, p. 113) argumenta que as estruturas sociais são efetivamente interiorizadas por “normas e convenções como também ordens do discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos”, mediante práticas e lutas sociais. E, também pela disposição da prática social da qual faz parte e a qual determina os elementos dos membros a que se recorre e como a eles se recorrer.

Assim, a partir da mobilização dos conceitos da ADC, reconhecemos, na notícia, o texto como a materialização de um discurso institucional que aponta para o papel dos educadores e da educação como a solução para o aumento dos discursos de ódio, enfatizando o papel da UNESCO e da CNTE na defesa da educação como meio de combater preconceitos. Tais instituições possuem autoridade e reconhecimento no campo educacional: a UNESCO, enquanto uma Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, que, dentro os vários objetivos, promove a educação para o desenvolvimento sustentável; e a CNTE, enquanto entidade nacional de organização sindical de luta dos trabalhadores em educação, e sob a qual, por meio do site oficial, veicula a notícia a partir dos dados da UNESCO. E nesse sentido, o texto é o produto da prática discursiva dessas instituições.

A escolha vocabular, com termos como "discurso de ódio", "educação", "capacitação", "combate", e "formação cidadã", constrói uma narrativa que reforça a importância dos educadores na promoção de uma sociedade mais inclusiva e pacífica. Através de recursos linguísticos, o texto promove uma visão positiva da educação e sugere uma postura ativa dos educadores no enfrentamento de questões sociais críticas, como o discurso de ódio.

Dessa forma, o discurso educacional da UNESCO fundamenta o combate ao ódio, e o discurso da CNTE reforça a necessidade de uma educação mais inclusiva e consciente dos desafios contemporâneos. A mídia, ao divulgar esses discursos, recontextualiza essas falas e as

distribui para o público, contribuindo para a circulação de ideais educacionais e de combate ao discurso de ódio.

A prática social refere-se ao contexto social mais amplo no qual o discurso está inserido e no qual ele desempenha um papel. Envolve, nessa perspectiva, os esforços globais e locais para enfrentar o crescimento dos discursos de ódio, racismo e xenofobia, intensificados pelo uso das redes sociais, como se observa:

[...] o fenômeno “cresceu como uma bola de neve nos últimos anos com a utilização das redes sociais”, e tem causado sérios **prejuízos à população de vários países**. Na mensagem anual emitida pela organização, a Unesco reforçou que **o mundo tem assistido uma onda de conflitos violentos**, somada a um aumento preocupante da discriminação, xenofobia, racismo e discurso de ódio (CNTE, 2024, grifo nosso).

Esses fenômenos, que se relacionam entre o discurso tecnológico, social e político, são respostas a eventos globais, como conflitos internacionais, e refletem desigualdades estruturais nas sociedades.

Nesse contexto, a educação é posicionada como uma prática social essencial para transformar essas realidades. O discurso sobre o papel dos educadores é influenciado por relações de poder e ideologia, destacando a função dos educadores como agentes de mudança social. Ao promover a formação de cidadãos capazes de reconhecer e combater o ódio e a injustiça, a prática educativa passa a ser uma ferramenta estratégica na luta contra desigualdades, e isso reflete a influência de uma prática social mais ampla, onde as instituições internacionais e nacionais desempenham um papel importante na definição de políticas educacionais voltadas para a inclusão.

A notícia também ilustra como os discursos de poder (no caso, das instituições como a CNTE e a UNESCO) se manifestam em práticas sociais concretas, como a revisão de currículos educacionais e a capacitação de professores para lidar com questões sociais complexas. A relação entre esses discursos e as práticas educacionais sugere que a prática social mais ampla envolve um movimento em direção à educação transformadora, que não só ensina conteúdo acadêmico, mas também capacita os alunos a agir como cidadãos conscientes e engajados.

A menção à campanha "Por La Pública!" e à Internacional da Educação estabelece uma interdiscursividade com o discurso de resistência contra a privatização da educação e a luta por um sistema inclusivo, inserindo a discussão educacional no contexto das políticas públicas e de financiamento educacional.

Ainda é possível observar na notícia, a defesa de um discurso da educação freiriana, baseado na formação humana e no respeito às diferenças:

“Mais do que nunca, nós não podemos ter uma **educação meramente conteudista**, ela, obrigatoriamente, precisa ser uma **educação freiriana**. Pautada na formação do ser humano, na perspectiva da convivência do respeito”, aponta Rosilene.

Mas para que se tenha sucesso nesse combate ao ódio, a Audrey enfatizou a importância da **capacitação efetiva dos educadores** que estão na linha de frente da superação do fenômeno.

Segundo a organização, o foco é conseguir **transformar estudantes em pessoas competentes** para reconhecer e responder ao ódio e à injustiça.

Nota-se o inter cruzamento dos discursos pedagógicos, sociais e políticos na busca de combate ao ódio a partir de uma educação efetiva que interaja com discursos de paz, valores democráticos e a luta contra o discurso de ódio. Assim, o excerto exemplifica uma ação política, de formação docente, para transformar e manter relações sociais que promovam a educação enquanto veículo para construção de sociedades inclusivas e pacíficas.

Esses professores, que estão diretamente envolvidos no enfrentamento do problema, precisam estar preparados para lidar com o fenômeno do discurso de ódio. Além disso, o objetivo proposto na notícia é transformar os estudantes em indivíduos capazes de identificar e reagir de forma crítica e ativa ao ódio e à injustiça, promovendo, assim, uma educação que vá além do conteúdo, formando cidadãos conscientes e engajados.

4 Considerações finais

Para Fairclough (2016, p. 103-4), o discurso não pode ser analisado isoladamente, ele precisa ser compreendido como parte de um processo social mais amplo. O autor pontua:

A análise de um discurso particular como exemplo de prática discursiva focaliza os processos de produção, distribuição e consumo textual. Todos esses processos são sociais e exigem referências aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado. A produção e o consumo são de natureza parcialmente sociocognitiva, já que envolve processos cognitivos de produção e interpretação textual que são baseados nas estruturas e nas convenções sociais interiorizadas.

Embora o papel dos professores no combate aos discursos de ódio seja amplamente reconhecido, a notícia aponta para uma necessidade de capacitação que vai além da formação tradicional. A formação inicial dos professores, muitas vezes, não inclui aspectos críticos da sociedade contemporânea, como o combate à desinformação, a educação midiática e a habilidade de identificar e enfrentar discursos de ódio. A formação continuada enfrenta diversos desafios, como a falta de recursos, tempo e incentivos para os professores participarem de cursos e treinamentos específicos voltados para a mediação de conflitos e a promoção de uma cultura de paz. Assim, há uma lacuna significativa no apoio institucional e governamental para

que a formação continuada se torne uma realidade para todos os educadores ou, de outro modo, quando há incentivos, a preocupação parece ser outra.

Além disso, o enfoque em cidadania digital e a conscientização sobre o uso ético das tecnologias digitais ainda não são um componente central da formação de professores. Existe uma lacuna na preparação dos professores para abordar, de forma eficaz, o impacto das redes sociais no comportamento dos jovens, por exemplo, o que é essencial para lidar com os discursos de ódio no ambiente escolar.

É realmente interessante quando há o reconhecimento do papel docente no combate a problemas sociais, quando colocam o professor como um mediador do pensamento crítico e da promoção de princípios democráticos na escola. Mas parece-nos que o problema foge ao controle quando a sociedade, em seu sentido amplo, deslegitima a atuação dos professores e os colocam numa posição de “doutrinadores” (Gomes, 2024) o que tem acontecido com certa frequência nesses últimos anos.

Ainda há a necessidade de coleta e pesquisa coordenada de dados para identificar causas, motivações e as condições favoráveis ao discurso de ódio. Elemento de extrema relevância, em especial, por conta do potencial que a internet tem para a disseminação de discurso de ódio e, para além disso, porque ainda são incipientes os mecanismos efetivos para promover o combate ao discurso de ódio em nossa sociedade, especialmente na escola. Os professores precisam de diretrizes claras e materiais didáticos adequados para promover debates construtivos sobre esses temas com seus alunos.

A escola não está “separada da sociedade, mas é única, visto que é o local, por excelência, de suspensão escolástica e profanação pela qual o mundo é aberto” (Masschelein; Simons, p. 45). Perceber que os professores(as) estão refletindo sobre os discursos de ódio e, assim, passível de uma ação para deslegitimação de práticas de violência, acreditamos ser uma forma de intervir na ordem social e poder transformá-la, desde que, para isso, sejam lhe dados as condições formativas e de atuação contextualizada.

Referências

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. 376 p.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. p. 260.



SemiEdu 2024

FORMAÇÃO DE PROFESSORES
EM FOCO: DESAFIOS E
PERSPECTIVAS

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 171. [Tradução: Cristina Antunes].

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016 [1992]. 338 p.

RESENDE, Vivian de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

VALENTE, Mariana Giorgetti. Liberdade de expressão e discurso de ódio na internet. In: FARIA, José Eduardo (Org.). *A liberdade de expressão e as novas mídias*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020. p. 79-94.

BARROS, Solange Maria de. **Realismo crítico e emancipação humana** – contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 11. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. 178 p.

GOMES, Wilson. **O professor doutrinador no imaginário bolsonarista**. *Revista Cult*, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/professor-doutrinador/>. Acesso em: 27 set. 2024.

CNTE. **Trabalho de educadores é um dos principais aliados no combate a discursos de ódio, aponta a Unesco**. *CNTE-CUT*, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://cnte.org.br/noticias/trabalho-de-educadores-e-um-dos-principais-aliados-no-combate-a-discursos-de-odio-aponta-a-unesco-3158#>. Acesso em: 20 set. 2024.

Realização

